

2008 - O Arauto II e outras malambas

O Arauto II e outras malambas

por: Eugénio Costa Almeida©

O jornalista Jorge Eurico, colaborador de, entre outros, Notícias Lusófonas, parece que já se cansou da “licença sabática” com que nos estava a impor e volta ao bloguismo com as suas habituais e pertinentes alfinetadas; a ver vamos.

Segundo ele, algo se passa com os acessos aos anteriores blogues, nomeadamente a’ O Arauto. Por isso (re)criou O Arauto II onde, ainda segundo a sua pena, não vai ser “o Arauto mas gosto de pensar que também posso ser um arauto como qualquer jornalista”.

Como escreveu Orlando Castro em comentários no nov’ “O Arauto” vamos “ver (não nos façam esperar sentados) se é para valer ou se não passa de mais um amor de curta duração”.

Também espero que não nos faça esperar sentado por mais algum apontamento. Até porque está numa bela província que viu ser nomeado uma pessoa que tem estado – ou terá estado – envolvida em polémicas pouco edificantes. Foi por causa de situações como essa que o comentador-sénior da RNA, Vítor Silva, viu a sua colaboração suspensa e dois jornalistas alvos de processos disciplinares. Também ele, porque o falou, e os dois outros porque o deixaram falar foram “calados”.

É por isso que, ainda há dias, alguém me perguntava na sequência ou durante, um acto cultural, no caso a apresentação da obra “Sociedade Civil e política em Angola: Enquadramento Regional e Internacional”, dos Profs. Nuno Vidal e Justino Pinto de Andrade, porque eu tinha estado a enviar farpas e indirectas ao Governo, o que era desaconselhável.

Ora, acontece, que nem eu mandei farpas nem indirectas ao Governo ou ao Poder – para mim as intervenções cívicas fazem-se nestes espaços (blogues ou imprensa) e nunca num sítio da Cultura e da Sociedade Civil, além de que o pobre do Governo ainda só tem cerca de um mês de actividade, pelo que críticas agora seria de uma nesciosismo perverso –; nem, apesar de ter estado a presidir a uma das mesas da Apresentação, tenho o direito de cercear a voz de quem critica. As pessoas, em geral, e os angolanos, em particular, são suficientemente espertas e inteligentes para compreenderem qual o papel dos organizadores e qual o papel dos intervenientes. De facto, um dos participantes foi crítico, talvez demasiado face ao enquadramento e á presença de certos convidados não-angolanos, como puderam ouvir via RDP-África, mas não caberia a mim cortar-lhe a palavra, além, do mesmo, ser um dos organizadores da obra em Apresentação.

Como clarificou um digníssimo representante da Embaixada de Angola, que eu saúdo pela nobreza e pela verticalidade demonstrada, o País caminha para uma democracia e para a Liberdade de Voz.

Só é pena que nem todos pensem assim e para certos assuntos tratados ou abordados, ou certas atitudes, impõe-se o calar da voz ou proclama-se critérios políticos, leia-se, exige-se cartão de militância.

Mas, por certo, que Angola e a inteligente classe política angolana – muita por sinal, como se viu durante e após as eleições –; saberá colocar os broncos, os buldogues, no seu lugar e fazer emergir a Democraticidade e a Liberdade dos pensadores e dos que amam verdadeiramente o País.

22/Out./2008

©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Colunistas" em 23.Outubroo.2008,

(<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=21606&catogory=ECA Almeida>)